

A POÉTICA DE BELCHIOR

Aproximações, afastamentos e rupturas entre as biografias de livro e as de folheto de cordel¹

Alberto Perdigão²

RESUMO

Estudo comparado localizado no campo híbrido da folkcomunicação e da literatura popular sobre os atributos da poética do compositor brasileiro Antonio Carlos Belchior representados, por um lado, em livros biográficos e artigos acadêmicos, e, por outro, em folhetos biográficos da literatura de cordel. Por meio de análise de conteúdo, busca responder à pergunta como os dois tipos de dispositivos midiáticos apresentam a referida poética, tendo como hipóteses a ocorrência de aproximações, afastamentos e rupturas entre os dois tipos de representações.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; literatura de cordel; biografia; poética; Belchior.

INTRODUÇÃO

Antonio Carlos Belchior (1946-2017) é um cantor e compositor brasileiro que se notabilizou na música Popular Brasileira (MPB), entre outros aspectos, pela poética que expressou em suas 133 canções (Duarte, 2025; Gomes Neto, 2019), gravadas a partir de 1971 e veiculadas massivamente em shows e pela mídia. O artigo aqui proposto se localiza no campo da folkcomunicação e da literatura popular reconhece Luiz Beltrão como proponente pioneiro do referido campo. Depois dos chamados folcloristas registrarem a literatura de cordel oral e escrita em suas investigações, na primeira metade do século XX, foi Beltrão, na metade posterior do ciclo, que assinalou o folheto deste tipo de literatura e o seu poeta como um dos dispositivos midiáticos e um dos agentes folkcomunicacionais, respectivamente (Beltrão, 1971).

O folclorista Édison Carneiro, por exemplo, afirmava:

É através desses veículos e agentes que as camadas populares
“organizam uma consciência” comum, preservam experiências,

¹ Trabalho apresentado para o GT 3: Folkmídia e Processos Midiáticos, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Rede Folkcom. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade (UECE), especialista em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda (UNIFOR) e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (UFC) Contato: aperdigao13@gmail.com.

encontram educação, recreio e estímulo, dão expansão aos seus pendôres artísticos e, afinal, fazem presentes à sociedade oficial as suas aspirações e as suas expectativas. (s/d, p. 15 apud Beltrão, 1971, p. 47).

Renato Carneiro Campos, por sua vez, comparava o folheto da literatura de cordel a um jornal e afirmava:

Nele estão registradas as impressões do povo a respeito de acontecimentos sucedidos no município, no Estado, em todo o país. É a maneira de ver e analisar os fatos sociais políticos e religiosos da gente rude do interior nordestino, fotografada nas páginas dos folhetos, denunciando costumes, atitudes, preferências e julgamentos. (1959, p. 61 apud Beltrão, 1971, p. 69).

E Luiz Beltrão ampliou, no sentido de afirmar o folheto como uma mídia informativa também de opinião e, certamente, formadora de opinião:

O que há é o claro reflexo da insatisfação, do desassossego, da falta de assistência de que se ressent o homem da hinterlândia. Contra uma justiça que se exerce - quando se exerce - dentro da fria e rígida letra do Código, sem atenção à especialíssima situação em que se encontram as massas ignorantes e esquecidas das imensas regiões interioranas (...) Contra a política que representa o poder do Estado, um Estado indiferente e insensível à sorte dos trabalhadores rurais e urbanos, dêle apenas lembrando na hora do voto ou da violência. (Beltrão, 1971, p. 69).

Baseado no cânone beltraniano, o presente estudo considera, como premissa, o folheto informativo da literatura de cordel um dispositivo midiático alternativo, popular e contra-hegemônico (Perdigão, 2022). Alternativo, porque é um outro meio informativo impresso, diferente dos veículos de comunicação de massa, como o jornal e a revista. É popular, porque é feito pelo povo, para o povo e, sobretudo, como o povo, refletindo suas formas de pensar, sentir e de estar no mundo. E é contra-hegemônico, porque carrega narrativas dos economicamente subalternizados e socialmente minorizados, ou seja, as vozes afastadas e, muitas vezes, disruptivas, em relação ao dominador.

Analisa-se, comparativamente, a poética de Belchior, segundo as narrativas de biografias publicadas em livros e em folhetos da literatura de cordel. A referida análise de conteúdo baseia-se em Laurence Bardin, para quem a metodologia assegura interpretar mensagens mais ou menos claras nos mais variados dispositivos midiáticos (Bardin, 2011). Pergunta-se como estas mídias impressas representam a poética em tela frente

àquelas, tendo, como hipótese, a ocorrência de características díspares e em diferentes graus, quais sejam a aproximação, o afastamento e a ruptura discursiva. A investigação, parte de uma pesquisa mais abrangente e que está apresentada no livro intitulado *Belchior: a construção de um mito na literatura de cordel* (Perdigão, 2025).

Belchior, como se tornou conhecido artisticamente, nasceu em Sobral, no Ceará, no dia 26 de outubro de 1946, e morreu em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, em 30 de abril de 2027, portanto aos 70 anos. Foi criança na cidade natal, viveu a adolescência e a juventude em Fortaleza, até ser revelado para a indústria fonográfica nacional como compositor, em 1971, aos 24 anos, ao vencer o IV Festival Universitário da Canção Popular, no Rio de Janeiro, com a música *Na Hora do Almoço*, interpretada por Jorginho Telles e Jorge Neri, e o Festival de Música do CEUB (Centro Universitário de Brasília), com *Paralelas*, interpretada por Raimundo Fagner, coautor da canção (Belchior; Zizzi, 2023; Medeiros, 2017; Castro, 2008; Freitas, 2002).

Estava apenas começando a carreira de um artista que se consagrou na Música Popular Brasileira com a autoria de 133 canções gravadas por ele e por dezenas de outros intérpretes (Duarte, 2025; Gomes Neto, 2019), centenas de discos, compact discs e fitas cassete, e milhares de shows, durante mais de 30 anos de carreira produtiva. Entre 2006 e 2008, Belchior abandonou os negócios e a família, os amigos e os admiradores, e passou a viver isolado e escondido, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, em San Gregorio de Polanco (Uruguai) e, finalmente, no Rio Grande do Sul. Morreu de um aneurisma da aorta, aos dez anos de sumiço, em Santa Cruz do Sul, onde vivia, graças à caridade anônima de um fã (Duarte, 2025; Cabral, 2017; Fuscaldo; Bortoloti, 2021; Conrado, 2018; Belchior; Zizzi, 2023).

A POÉTICA NO LIVRO

Dez livros considerados biográficos são tomados como fonte de informação e analisados na busca de esclarecer como é representada a poética revelada nas letras das canções de Belchior. São publicações biográficas escritas por jornalistas, parentes, pessoas que o hospedaram no período do desaparecimento e um livro do tipo coletânea de crônicas sobre as canções e escrito por fãs. Também compõem a amostra artigos acadêmicos e jornalísticos. A análise dos textos aponta cinco atributos mais comuns,

listados aqui sem seguir uma ordem de frequência ou de importância: originalidade, dialética, engajamento, multitemática e intertextualidade.

É oportuno ressaltar que os referidos atributos nem sempre aparecem com estes nomes na bibliografia consultada, mas, não raro, são expressos com palavras que semanticamente se assemelham. E, de acordo com os poemas-canções observados, as referidas características não aparecem isoladamente, mas, quase sempre, de maneira híbrida. Ou seja, uma letra exemplo de originalidade pode ser também modelo de dialética ou de engajamento, de multitemática ou de intertextualidade. A interseção, entretanto, é fácil de ser percebida, como se verá nos trechos de letras usadas como exemplo.

No que se refere ao que aqui se denomina originalidade, pode-se afirmar que os poemas-canções de Belchior são únicos na forma e inusitados no conteúdo. As letras são longas, às vezes extremamente longas, maiores, às vezes bem maiores que poemas não escritos para serem musicados. Além do caráter moderno fartamente verificável na forma, no conteúdo, a poética de Belchior é fortemente marcada pelo uso de figuras de linguagem que a definem com estilo notadamente próprio. Entre os recursos mais frequentes estão as figuras de palavras que trazem à narrativa vocábulos claramente alterados de sentido semântico, entre as quais a metáfora - talvez, a de uso mais recorrente.

Este é o Belchior que, originalmente, ressignificou amor, medo, vida, morte etc por inusitadas perspectivas. É o Belchior pensador de seu tempo que negou a “teoria” da Tropicália de Caetano, a “fantasia” da Sociedade Alternativa de Raul Seixas e o “algo mais” do Universo em Desencanto de Tim Maia; que não se integrou à “tinta pro meu rosto” dos Secos e Molhados, ao “oba-oba” mercadológico do rock rural e a MPB regional proposto pela indústria fonográfica, nem mesmo à “melodia” do Pessoal do Ceará (com aspas, expressões da música *Alucinação*). Ao que parece, não houve na MPB uma poesia semelhante antes do Belchior, durante os cerca de 35 anos em que compôs ou depois que abandonou a carreira.

Em relação à dialética, é possível identificar na poética de Belchior o uso frequente de antítese, esta também uma figura de linguagem, de pensamento. O uso do recurso textual é relativamente comum na poesia ou nas letras musicais, mas chama a atenção o número de vezes em que a figura é utilizada pelo compositor, e nas mais variadas situações e contextos. Assim, vê-se o uso da dialética no confronto de duas ideias

opostas para suscitar uma terceira, entre o passado e o presente, o presente e o futuro, o velho e o novo, o alegre e o triste, a vida e a morte, o amor e a solidão, a cidade e o sertão, o Céu e o Inferno etc.

Sobre o engajamento na poética de Belchior, esta, talvez, seja a característica menos percebida. Parece um atributo menor que os quatro demais, mas, certamente, é um engano. Belchior teve seu nome nas manchetes da mídia nacional pela primeira vez em 1971, o sétimo dos 25 anos da Ditadura Militar no Brasil. Ele compôs, gravou e cantou em shows por todo o período, encerrado em 1985. Em cada novo disco, surgiam uma, duas ou três músicas políticas que, de tão cheias de metáforas, “como é comum no seu tempo” (de *Fotografia 3x4*), tenham passado despercebidas também pela censura. E/ou, talvez, por conveniência da boa vizinhança das gravadoras com o regime, não tenham sido as mais divulgadas.

É plausível avaliar, entretanto, que a poética de Belchior está comprometida com a política, esta vista no sentido amplo e puro da palavra, ou seja, não eleitoral e não partidário. Pelo que expõe em suas letras, muitas das quais com parceiros, defendia os direitos humanos e o Estado democrático. Foi um poeta humanista, progressista e legalista, antes de ser enfileirado como progressista ou recrutado como socialista. Era sim à consciência política, não a partidos, e se mostrava convicto de que a sua poesia poderia ser uma espécie de panfleto numa porta de fábrica. Era o poeta-compositor das liberdades subjetivas entendidas como direitos.

Sobre o atributo da multitemática da poética de Belchior, é possível afirmar que em tudo e sempre ele foi diverso e plural. Os exemplos de poemas-canções não aparecem pura ou isoladamente, mas perpassam os demais atributos. Em alguns casos as temáticas se sucedem numa mesma letra com relações mais ou menos de proximidade, o que também é uma característica muito própria da escrita do compositor. As letras abordam reflexões de opiniões sobre temas tão distintos quanto preconceito geográfico – especialmente contra nordestinos, relações amorosas, política, poesia, fluxos migratórios, artes em geral e (a falta de) liberdade de expressão durante a Ditadura Militar.

As letras de Belchior traduzem um artista que se complementa nas suas aparentes contradições. Foi simples e complexo, realista e utópico, conservador e vanguardista, local e global (“Universal pelo regional”, como costumava dizer, numa referência ao lema da Universidade Federal do Ceará, onde estudou), e nordestino e latino-americano.

Belchior trafegou por um tempo-espaço que parece ser só dele, dadas as perspectivas muito particulares que apresentava em suas letras. Andou pelo cotidiano comum das pessoas simples e pela filosofia, pelas cidades e pelos sertões, por dores, amores e medos, e foi antropofágico (no sentido dado por Oswald de Andrade ao termo).

A intertextualidade, a quinta das características aqui propostas para qualificar a poética de Belchior, aparece de maneira farta e inequívoca em sua obra. O bardo recorre com frequência aos clássicos da literatura, às vezes citando autores da poesia ou da prosa, o título da obra, em parte ou no todo, ou mesmo trechos do texto de que se apropria. Diluem-se nas letras os autores mais diversos com quem Belchior teve contato, desde as leituras realizadas na adolescência, como aluno do Colégio Sobralense, em Sobral, e do Liceu do Ceará, em Fortaleza; ou da juventude, feitas durante os três anos que passou interno em conventos capuchinhos e, depois, como aluno na Universidade Federal do Ceará.

A Intertextualidade em Belchior deve ser entendida não apenas como o uso de fragmentos textuais, uma simples apropriação, uma ilustração despretentiosa, mas, sobre, como a ressignificação dessas textualidades externas. Entre os autores citados, alguns com mais de uma ocorrência, estão brasileiros de diferentes períodos históricos, do Império à contemporaneidade, como Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves, Olavo Bilac, Álvares de Azevedo, Camilo Castelo Branco, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira e o hoje (2022) integrante da Academia Brasileira de Letras, Gilberto Gil.

Na lista dos escritores estrangeiros, também citados fartamente, aparecem nomes da literatura como Federico García Lorca, John Donne, Marcel Duchamp, François-René de Chateaubriand, Arthur Rimbaud, Charles Baudelaire, Dante Alighieri, Honoré de Balzac, George Orwell, Edgar Allan Poe, François Villon, Lord Byron e William Blake; da filosofia como Jean-Jacques Rousseau e Erasmo de Roterdã; do teatro como Sófocles e Calderón de la Barca; das artes plásticas como Pablo Picasso; da antropologia como Claude Lévi-Strauss; da política como Che Guevara e Eduardo Galeano; além da música, como Jacques Brel, Henri Salvador e Bob Dylan, este também Prêmio Nobel de Literatura (2016).

O rol de citados, incluem-se ainda os cantores brasileiros Caetano Veloso, Gilberto Gil, Raul Seixas e Luiz Gonzaga, os ícones da música pop internacional Jim

Morrison, Jimi Hendrix, John Lennon e Janis Joplin, além das bandas Beatles e Rolling Stones.

A POÉTICA NO CORDEL

Vinte e um folhetos foram analisados na busca de encontrar as representações que fazem os poetas-repórteres da literatura de cordel sobre a poética de Belchior. Como na mídia tradicional - livros e artigos - cinco atributos foram identificados, a saber: pluralidade, lirismo, insubmissão, intertextualidade e genialidade. Estes vocábulos não aparecem literalmente nas poesias observadas, mas traduzem a ideia dos cordelistas e, desta forma, servem como critério de análise.

A pluralidade diz respeito à versatilidade da poética de Belchior, representada por uma multiplicidade de ritmos e de temas constantes nos poemas-canções. Em *Tributo a Belchior* (Tavares, 2017, p. 6), o autor fala “desse cantor que era multifacetado”. Em *Belchior, o artista e seu tempo* (Sales, 2022, p. 1; 8), o poeta afirma que Belchior “compôs, tocou, cantou bem, claras virtudes de quem nasce plurifacetado” e que “produzira em vários gêneros, com grande e forte expressão, MPB, country rock, folk rock, blues, baião...”.

O atributo lirismo diz respeito a um eu lírico, à expressão de um romantismo subjetivo do autor refletido nos textos. Em *A comédia divina de Belchior* (Lucarocas, 2019, p. 1), tem-se o eu lírico nos versos “na poesia que enlaça as trilhas da emoção e no vazio que abraça com a dor da solidão”. Em *Comentários a respeito de Belchior* (Nogueira, 2024, p. 6-7), o poeta afirma que “do amor e da solidão, dos sonhos que se desfazem, Belchior é poesia”.

A qualidade poética chamada aqui de insubmissão remete a uma relativa autonomia do poeta no seu versejar. Traduz em poemas-canções a postura de independência do autor em relação a possíveis ingerências à sua obra. Em *Batendo à porta do céu* (Muniz, 2019, n. p.), o poeta cordelista se refere a um “teimoso passarinho” em quem “ninguém manda”, que “tem canto de rebeldia” e “prefere voar sozinho”.

A intertextualidade também é mencionada entre os poetas-repórteres ao se referirem à poética de Belchior. Atestam o uso claro e frequente de textos ou fragmentos de outras narrativas e/ou de outros autores nas letras de Belchior. Em *Belchior o artista*

e seu tempo (Sales, 2022, p. 7), a expressão “enxerto de poesia” é definidora. Em *Belchior, um pensador entre os astros* (Lima, 2023, p. 4-5), o autor do folheto faz referência à intertextualidade ao afirmar que “João Cabral de Melo Neto é visitado por ele” e que “também Edgar Allan Poe tá no cancionero dele”.

Finalmente, a genialidade, o quinto dos atributos, que aparece com larga frequência e clareza entre os aspectos poéticos revelados pelo cordel. Em *Belchior* (Poeta, 2016, p. 6), o poeta afirma que “seus sucessos são muitos, seu talento é um poço brilhante e inesgotável”; que o compositor “tem qualidade genial” e que “sua música em nada está faltando”. Em *Comentários a respeito de John?* (Sampaio, 2024, p. 16), o poeta cordelista cita que “Belchior, o poliglota, cantou o amor e paz, usou a filosofia, até a mitologia, intelecto voraz”. E em *Belchior não morreu* (Rinaré, 2024, p. 7), o autor afirma que “seu canto tempo poesia, têm muita sabedoria suas frases geniais”, que “traz muitas reflexões, todo o seu cancionero” e que “a vida e a sociedade questiona o tempo inteiro”.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz AnteroReto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971).

DUARTE, Dorgival. **Belchior**: cenas do último capítulo. Santa Cruz do Sul (RS): Santa Cruz, 2025.

GOMES NETO. **Cancioneiro Belchior**. Florianópolis: Vitelli Publisher, 2019.

LIMA, Stélio Torquato. **Belchior**: um pensador entre os astros. Fortaleza: Cordelaria Flor da Serra, 2017.

LUCAROCAS. **A comédia divina de Belchior**. Fortaleza: Editora Lucarocas, 2019.

MUNIZ, Caio César. **Batendo à porta do céu**: a chegada de Belchior ao paraíso. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2019.

NOGUEIRA, Nonato. **Comentários a respeito de Belchior**. Fortaleza: Ed. do Autor, 2024.

PERDIGÃO, Alberto. **Belchior**: a construção de um mito na literatura de cordel. Fortaleza: RDS, 2025.

PERDIGÃO, Alberto. **Política e literatura de cordel**: o folheto como mídia informativa alternativa, popular e contra-hegemônica. Fortaleza: RDS, 2022.

POETA, Raul. **Belchior**. Crato: Ed. do Autor, 2016.

RINARÉ, Rouxinol do. **Belchior não morreu**. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2024.

SALES, Dideus. **Belchior: o artista e seu tempo**. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2022.

SAMPAIO, Pedro. **Comentário a respeito de John?** Fortaleza: Ed. do Autor, 2024.

TAVARES, Ernane. **Tributo a Belchior**. Crato: Ed. do Autor, 2017.